



Repórter cidadão: Uma análise dos depoimentos de Jornalistas da TV Globo que cobriram a guerra no Rio de Janeiro ¹

Iuri da Silva RODRIGUES²
Viviane Costa CAVALCANTE³
Universidade Tiradentes, Aracaju, SE

RESUMO

O presente trabalho, tendo como foco uma matéria onde jornalistas contam como se sentiram ao narrar a guerra do Rio de Janeiro, tem como objetivo mostrar a maneira como esses profissionais reportaram, se envolvendo no curso da reportagem, saindo daquilo que chama de convencional e inovando o estilo, a forma e o perfil de informar para chamar a atenção do telespectador. Na matéria analisada, foi possível perceber a dissonância e o que os jornalistas da TV Globo tentaram fazer de diferente trazendo o que só se vê em programas específicos de jornalismo para telejornais diários, como o Jornal Hoje. A luz de autores consagrados como Felipe Pena e Cremilda Medina, este artigo enaltece a presença dos repórteres envolvidos e comprova a expressividade desses profissionais da imprensa durante a cobertura.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo, jornalismo literário, TV Globo e imparcialidade

Introdução

A busca por audiência tem sido um dos quesitos fundamentais para que os profissionais do telejornalismo busquem cada vez mais telespectadores ávidos a entenderem a matéria jornalística. O repórter, profissional que vai atrás da notícia, se mostra, muitas vezes, comovido com a situação reportada, mas é vulnerável de intervir, pois a imparcialidade debatida desde os tempos de faculdade de jornalismo o deixa sem autonomia de falar sobre o assunto.

Diante dessa temática inerente ao fazer jornalístico, o telejornal, principal meio de informação ainda disponível para todas as classes sociais, se esforça para levar à tona as diversas opiniões dos repórteres que se envolvem, de alguma forma, na

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduado em Comunicação social-jornalismo do Curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes, UNIT, email: iurirodrigues1@yahoo.com.br

³ Recém-graduada em Comunicação social-jornalismo do curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes, UNIT, email: vivis_cavalcante@hotmail.com.



matéria. Ao se debruçar sobre determinado assunto, o repórter acaba deixando escapar seus anseios, suas inquietudes e busca intervir no curso da matéria.

Esse envolvimento do jornalista com o tema a ser abordado pôde ser notado na matéria “Repórteres falam sobre a cobertura da operação no Complexo do Alemão”, transmitida no Jornal Hoje da Rede Globo de Televisão em novembro de 2010. Essa reportagem é um relato de como os jornalistas se sentiram ao realizarem as matérias que foram veiculadas durante todo o período em que a guerra da capital fluminense foi destaque.

Após dias de cobertura, inclusive pela imprensa internacional, a guerra no Rio de Janeiro marcou um embate de força e poder. De um lado, os traficantes ousavam em inibir a população e nada temiam aos astutos do comando policial. Do outro, a polícia colocava limites e tentava como podia intervir nos massacres cometidos pela união de vários grupos que lideram o tráfico nos morros cariocas.

A chamada da matéria, sob o comando dos apresentadores Evaristo Costa e Sandra Annenberg, convida os telespectadores para uma novidade. Desta vez, é uma matéria diferente, algo que os telespectadores não estão acostumados a ver, diariamente, nos telejornais, se tratando, portanto, de ver a mídia falando de si própria, convidando-a para ser assistida.

Evaristo Costa. *“E ao longo de uma semana você, que é telespectador do jornal hoje, deve ter acompanhado, aqui na Rede Globo, o trabalho incansável dos jornalistas na cobertura desta mega operação no Rio de Janeiro.*

Sandra Annenberg. *“Nós, do Jornal Hoje, pedimos que eles fizessem, agora, outro relato: contassem como se sentiram sendo testemunhas dessa guerra urbana”.*

Esse “como se sentiram” já demanda um forte apelo por parte do telejornal para com o telespectador, por isso a sua carga vem como se fosse uma retrospectiva, uma espécie de vídeo show, (programa que conta os bastidores dos programas da própria TV Globo) no telejornal.

Sendo assim, segue transcrição completa da reportagem para melhor entendimento:



Chamada. Evaristo Costa. E ao longo de uma semana você, que é telespectador do jornal hoje, deve ter acompanhado aqui na rede globo, o trabalho incansável dos jornalistas na cobertura desta mega operação no Rio de Janeiro.

Sandra Annenberg. Nós, do Jornal Hoje, pedimos que eles fizessem, agora, outro relato: contassem como se sentiram sendo testemunhas dessa guerra urbana.

“Eu acho que todo mundo envolvido nessa cobertura se sentiu um correspondente de guerra, porque foi mesmo um cenário de guerra. A gente mesmo estando protegido ali por um muro e indo só até onde a polícia permitia, a gente se sentiu muito tenso porque eram tiros demais”, diz Lilia Telles, repórter.

“A gente tem o medo, medo de repente, numa situação como esta de forte perigo, a gente ser atingido por uma bala, um tiro. A vontade que a gente tem de mostrar a vida como ela é com segurança. A coisa que mais fico feliz e fico um pouco emocionado é que pela primeira vez a coisa está dando certo, o bem, é igual a filme de ação. O bem sempre supera mal. Demora, mas supera mal”, diz William Torgano, repórter cinematográfico.

“Neste domingo então, quando a gente viu a prisão do Zeu, não da pra sentir uma prisão diferente”, conta André Luiz Azevedo, repórter.

“Eu queria subir o morro, queria ver como os moradores estavam lá em cima vivendo, mas tinha muito medo. A gente estava com um equipamento que a gente precisava da internet pra entrar ao vivo, sinal ruim, e o técnico Mario Lago Neto corria nos becos, procurava uma área mais aberta, pra ver se a gente captava um sinal melhor, se a gente conseguia entrar”, revela Bette Lucchese, repórter.

“Durante toda cobertura, fiquei oito horas ao vivo. Estou no Rio há cinco anos, participei de várias coberturas em comunidades. Conheço pessoas que vivem em comunidades, sei o que elas passam. Não me saía da cabeça que essa é a oportunidade de resgatar essas pessoas pra vida da cidade”, diz Paulo Renato Soares, repórter.

Envolvimento



Desde o surgimento do novo jornalismo no início do século XX, uma das características desse novo segmento de informar é o envolvimento do repórter com a notícia. Essa temática que ainda é pouco difundida dentro dos meios de comunicação do país é vista em casos que merecem destaques, como em reportagens especiais, ou quando se quer mostrar algo que só é possível com o envolvimento do repórter na matéria. Pena explica:

O novo jornalista novo se envolve até o talo com sua matéria e seus entrevistados. É o que os teóricos chamam de *close-to-the-skin reporting*, cuja tradução mais literal seria reportagem perto da pele. É preciso sentir os poros abertos, a trilha epidérmica, o cheiro de suor. (PENA, 2008; p. 60)

O autor acrescenta ainda à necessidade de o profissional viver as reportagens para poder relatá-las. Nesse caso, a presença ostensiva dos repórteres acontece em vários momentos durante a cobertura. O jornalista, a partir do momento que vai para as ruas fazer coberturas, está exposto as mais diversas observações e reações da população. A maneira como o profissional reporta as informações pode gerar repúdio, admiração, simpatia e confiança na figura do jornalista. Exemplo disso é quando uma cidadã entrega uma carta à repórter Susana Napolini na intenção de agradecer aos envolvidos, policiais e governantes, na operação do Rio de Janeiro. Isso demonstra a intimidade e confiança que a cidadã, que passou pela experiência da “guerra urbana”, tem pela jornalista.

Todo comunicador deve vestir a pele de um representante (através das leis da universalidade e difusão) de um grande número de pessoas (o maior e mais heterogêneo possível). Nesse sentido, ele tem de se esforçar não por satisfazer a própria curiosidade, mas o que, presente, a audiência quer saber. Enquanto ficar exposto e frágil perante os *lobbies* ou suas preferências estritamente pessoais, não terá como pesquisar, intuir, conscientizar aquilo que lhe está pedindo a grande demanda social. O comunicador, costuma-se dizer, não tem horas livres em que se desprende do meio social, matéria-prima das pautas. Nunca essa ‘mais-valia’, usada muitas vezes com más intenções por veteranos junto a novos profissionais, foi tão válida quanto nesse permanente estar no mundo, sentindo as expectativas, necessidades e comportamentos da comunidade por onde transita. (MEDINA, 2008; p. 38)



O exemplo da repórter Susana Napolini serviu de destaque por protagonizar um dos episódios mais marcantes no telejornalismo atual. Durante a cobertura, feita por ela, uma das moradoras, atingida pela guerra no Rio, lhe entregou um bilhete, onde foi lido ao vivo pela própria repórter como forma de externar o que muitos estavam sentindo naquele momento. “De repente uma senhora de mais ou menos 50 anos, chegou perto de mim e disse: ‘Susana’, me entregou a caixinha e quando fui perguntar o nome, ela saiu em disparada... Poder ser porta voz dessas pessoas, isso me emociona muito”

Um acerto de contas, sendo assim, da repórter com a população ou vice versa. Essa entrega do repórter expõe ainda mais a sua figura no meio da sociedade. Uma escolha que o ser repórter faz em primazia de um bom trabalho.

Sejamos, bem antes da edição, abertos ao alógico e ao alinear do entrevistado nos momentos em que assim se expõe ao entrevistador. A perspicácia dessa abertura está na medida direta com que o repórter se traveste de artista. É seu repertório – primeiro, humano; depois, intelectual (científico, artístico) – que pesará quando, diante do cavalete, iniciar o retrato de quem encontrou numa circunstância chamada entrevista”. (MEDINA, 2008; pág. 69).

Perigo e medo: repórter em ação

Em meio a tiros, o repórter precisa cumprir seu papel de transmissor de informação para a população. Mas associado a isso, o medo de ser atingido por balas de revólver talvez possa comprometer a matéria. Ao mesmo tempo essa situação demonstra a veracidade da “guerra urbana” instalada no Rio de Janeiro. O ato da repórter Lília Teles correr ao vivo na transmissão para o Jornal Nacional, para não ser atingida por um projétil provoca uma quebra na matéria. Nesse caso, se percebe que houve um envolvimento da jornalista com a cobertura perigosa, mas que tem um sentido e é entendida pelo telespectador.

A presença do narrador pode não ser ostensiva, mas suas marcas jamais são “apagadas” como no texto jornalístico, porque o foco narrativo constitui elemento importante do discurso e este ganha relevo no texto literário, ajudando a compor o tecido significativo, a história. (CASTRO E GALENO, 2005, p. 37).

Quando Lilia Teles relata que “A gente mesmo estando protegido ali por um muro e indo só até onde a polícia permitia, a gente se sentiu muito tenso porque eram tiros demais”, nota-se que os profissionais da comunicação não estão isentos dos medos que afligem a população diante de uma situação de perigo. Com essa declaração, a história de que repórter não pode chorar, não pode ter medo, acaba mostrando ao telespectador o lado sentimental do profissional. E, dessa forma, dando uma informação pessoal ao telespectador que, assim como eles, os jornalistas que vão a campo são também cidadãos comuns. A grande diferença é que jornalistas tentam disfarçar para não demonstrar seus temores aos telespectadores.

A repórter Bette Lucchese, por exemplo, quase cai diante das câmeras ao tentar correr do tiroteio. A cena foi tão insegura que colocou em risco a vida de toda a equipe que cobria no momento do tiroteio em cima do morro. A câmera capta o corre-corre da repórter e a sua aflição chamando o cinegrafista para se esconder em algum lugar seguro. Essa cena não foi ao vivo, poderia se cortada pelos editores, mas ganhou destaque por ser determinante para o desencadeamento da história, ou seja, fazia sentido aquela cena ser colocada no ar. Como Lage (2006; p. 30) diz é a “Aparência, entonação e expressão facial tornam-se a moldura que determina o entendimento dos fatos”

A (im) parcialidade jornalística

O repórter acaba se envolvendo de tal maneira no assunto abordado que revela as suas opiniões na matéria. Exemplo disso é quando André Luiz Azevedo diz que a captura e prisão do assassino de Tim Lopes foi “importantíssima”, reforçando, assim, a ideia que não existe imparcialidade no jornalismo. Sobre o assunto, Castro e Galeno, (2005) reforçam que “diante de um jornalismo que ainda não percebeu que a verdade transparente não existe e que resulta inevitável (e, por isso, é ético assumi-lo) a imparcialidade e a subjetividade do informador”.

Pensando da mesma forma, o autor Hernandes (2006; p. 25) diz que essa opinião dos repórteres durante a realização da matéria é inevitável “pois todo e qualquer informador tem suas preferências e sua visão de mundo em que está inserido”.



Ele completa ainda que qualquer jornalista, por mais cuidadoso que seja, submetido ou não aos valores da empresa onde trabalha, não consegue deixar de eleger um acontecimento a partir de uma ideologia, de inseri-lo numa escala de valores para transformá-lo em fato e em unidade noticiosa.

Conclusão

Na matéria analisada, foi possível encontrar a presença dos repórteres envolvidos na reportagem, dando opiniões, sendo personagem ou então protagonista da história. A intenção desse trabalho é justamente mostrar que é possível fazer matéria jornalística baseada na maior interação com o receptor.

Mais do que isso, o objeto de estudo serviu de modelo para demonstrar que profissionais do jornalismo também são humanos como os telespectadores e sentem medo, adrenalina e torcem para que numa situação de conflito, tudo seja resolvido da melhor forma.

Os repórteres ousaram em fugir da pauta e se responsabilizaram em transformar os assuntos de tiroteios em valiosas reportagens, dando uma visão de mundo em que o telespectador se relacione na história, não deixando de lado a ética profissional.

É com o pensamento interrogativo do jornalista Ricardo Noblat (2006, p. 41) que esse artigo se encerra. “Se não serve para esclarecer, alertar, forjar consciências e contribuir para a construção de um mundo menos injusto e desigual, para que serve mesmo o jornalismo”?

REFERÊNCIAS

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Ed. Escrituras editora, 2002.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: O que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Ed. Contexto: 2006.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ed. Ática, 2006.



MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ed. Ática, 2008 (5ª edição)

NOBLAT, Ricardo. **O que é ser jornalista.** São Paulo: Ed. Record, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Ed. Contexto, 2006.